



MOACYR SCLIAR

(1937-2011)

“Todo autor quer ser elogiado, quer aplauso, quer que os outros digam que ele é inteligente, criativo e genial. É o sonho de todo escritor. E a verdade é que quem escreve são pessoas desamparadas, que têm, diante da vida, uma insegurança que deriva de uma situação existencial.”

Para escrever, a gente tem que se sentir um pouco triste. Há um grau ideal de desconforto que nos ajuda. Sinto isso também como médico.

No fundo, todo escritor é aquele menininho que anda de bicicleta e fala: “Mamãe, sem as mãos, ó!”. E mostra como é hábil. Sei disso porque eu mostrava meus primeiros textos literários para os meus pais. Eles ficavam muito admirados, mostravam aquilo para vizinhos e parentes e diziam: “Esse vai ser o nosso escritorzinho”.

Todos nós temos, lá no fundo da nossa mente, um conjunto de críticos literários que já analisou nossa obra e já nos disse o que tínhamos que saber.

Literatura é vital. Não para todas as pessoas, mas para um grupo que, através do texto literário, chega à verdade da existência.

O que a gente espera de um escritor é que ele diga uma frase ou um conjunto de frases que resumam uma verdade. É claro que, na maior parte das vezes, isso não vai acontecer, porque os escritores podem ser pessoas muito tolas. Eventualmente um escritor vai dizer algo importante.

Qual é a melhor forma de se chegar à literatura? É através daquilo que o escritor fala ou através daquilo que ele escreve? É através daquilo que ele escreve. Porque a literatura acontece no texto. Ela pode ter começado como uma manifestação oral, mas se realiza no texto.

O espírito humano descansa na verdade, ainda que a ficção seja uma mentira, uma mentira profissional. Mas os ficcionistas têm que ser autênticos naquilo que escrevem.

As pessoas não correm atrás das vacinas. As vacinas correm atrás delas. E o livro é uma vacina contra a insensibilidade, o desconhecimento e a ignorância.

Um desafio que a gente vai enfrentar no dia do Juízo Final: resumir ligeirinho nossa vida e nossa obra para ver se a gente vai entrar no céu.

A literatura não é física, química ou matemática. É outro tipo de ensinamento, veiculado pelos canais emocionais. É exatamente isso que faz do ensino da literatura uma coisa importante na escola. Ele é o canal de comunicação do emocional do jovem com o professor, com o livro e com o mundo de uma maneira geral.

A literatura é mais crítica, satírica e corrosiva do que consoladora. A maior parte dos escritores brasileiros não é de dar tapinhas nas costas do leitor.

O escritor é um sismógrafo. Ele registra as vibrações que estão na sociedade.

Eu não era hipocondríaco, não tinha medo de ficar doente. Disso eu até gostava, porque, ao ficar doente, não precisava ir ao colégio; ficava em casa, com meu pai e minha mãe me paparicando. Era até gratificante. Mas, quando eles ficavam doentes, eu entrava em pânico. Sentia aquilo como uma ameaça sombria, inquietante, que me levou muito cedo a ler sobre medicina, a conversar com médicos.

Por que a melancolia, de repente, se tornou uma preocupação não só de médicos, mas, sobretudo, de artistas e intelectuais? Por causa do advento da modernidade. E a modernidade começou bipolar. Ela é maníaca. Por quê? Porque é uma busca incessante, uma corrida pelo conhecimento, pela arte, pela riqueza, por novas terras, por sexo, pela especulação financeira.

A melancolia é um desgosto diante das bobagens do mundo.

Tchekhov foi uma influência muito grande para mim. Não só porque era médico e escritor, mas porque era doente também.

Na minha época de escola, havia outros conceitos. Por exemplo: autor bom era autor morto. Quanto mais morto um autor, quanto mais sepultado ele estivesse, melhor seria para a literatura. Um autor vivo não poderia ser bom, ainda não tinha passado pela prova do tempo. Então, tínhamos que ler os autores do passado.

Precisamos fazer com que a aproximação, sobretudo dos jovens em relação ao livro, seja uma relação mediada por duas coisas: o prazer e a emoção. Eu só leio livros que me dão prazer. E só procuro escrever aquilo que me dá prazer.

Há um rótulo que recuso absolutamente. Cada vez que entro em um avião, em Porto Alegre, alguém diz: “Este avião não cai. Tem um imortal a bordo!”. Desde que virei imortal, já vi vários deles passarem desta para melhor — ou para pior.

Eu queria ser imortal agora, vivo. Mas isso não está ao nosso alcance. Na realidade, a imortalidade é um engodo que a gente nem sabe como surgiu. O lema da Academia Brasileira de Letras é *ad immortalitatem*. Não é uma garantia, é uma promessa qualquer. Mas isso, infelizmente, pegou. Reflete o desejo que temos de permanência. Acho esse desejo tolo. O futuro, como nós sabemos, a Deus pertence. A Deus ou ao seu equivalente.

O que interessa é transmitir nossas idéias, nossos sentimentos, nossas emoções às pessoas ao nosso redor. Às pessoas com quem convivemos. Não temos a menor importância. Peguem a coleção dos prêmios Nobel de Literatura. Há nomes, ali, que são famosos e reconhecidos até hoje. Há outros que nem sabemos quem são. Pessoas que eram famosas, que escreviam para o futuro. O futuro chegou e a gente não sabe quem são elas. 7